

PSICANÁLISE WINNICOTTIANA E EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ABORDAGEM INTEGRATIVA À EXPERIÊNCIA HUMANA

João Paulo Zerbinati¹; <https://orcid.org/0000-0001-6829-8358>

Reinaldo Furlan²; <https://orcid.org/0000-0003-2117-3886>

Resumo

Este artigo tem como propósito introduzir o pensamento winnicottiano acerca de um campo específico em seus trabalhos: a educação sexual nas escolas. Para isso, tomamos como material principal de estudo seu texto “Educação sexual nas escolas”. O texto fomenta aspectos-chaves que podem promover uma reflexão psicanalítica contemporânea relevante acerca da educação sexual ao discutir temas como (1) A Educação sexual para Winnicott; (2) Educação sexual a partir da experiência emocional; (3) A difícil tarefa da educação sexual e (4) A relação psicossomática: compreendendo e vivendo a sexualidade. De modo geral, Winnicott concebe a educação sexual nas escolas como uma oportunidade para contemplar a sexualidade a partir da experiência emocional e cultural. A partir disso, a educação sexual torna-se um meio para envolver e explorar a relação do si-mesmo com seu próprio corpo e os outros (corpos), constituindo uma forma de relação interpessoal fundamental de ser no mundo por meio da sexualidade. Essa compreensão oferece uma base sólida para uma abordagem mais holística e integrada da educação sexual, destacando sua importância na formação integral dos indivíduos.

Palavras-chave: Educação sexual; Psicanálise; Sexualidade; Educação; Winnicott.

Winnicottian Psychoanalysis and Sexual Education: An Integrative Approach to Human Experience

Abstract

This article aims to introduce Winnicott's thought on a specific field within his works: sexual education in schools. To accomplish this, we take his text “Sexual Education in Schools” as the primary material for study. The text stimulates key aspects that can foster a relevant contemporary psychoanalytic reflection on sexual education by discussing topics such as (1) Sexual Education for Winnicott; (2) Sexual Education from Emotional Experience; (3) The challenging task of sexual education; and (4) Psychosomatic relationship: Understanding and living sexuality. Overall, Winnicott conceives sexual education in schools as an opportunity to contemplate sexuality through emotional and cultural experiences. Consequently, sexual education becomes a means to engage and explore the individual's relationship with their own body and others' (bodies), constituting a fundamental interpersonal way of being in the world through sexuality. This understanding provides a solid foundation for a more holistic and integrated approach to sexual education, emphasizing its significance in the comprehensive development of individuals.

Keywords: Sex education; Psychoanalysis; Sexuality; Education; Winnicott.

Psicoanálisis Winnicottiano y Educación Sexual: un enfoque integrador hacia la experiencia humana

Resumen

Este artículo tiene como objetivo introducir el pensamiento de Winnicott en un campo específico de sus obras: la educación sexual en las escuelas. Para ello, tomamos como material principal de estudio su texto “Educación sexual en las escuelas”.

1 Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil; jpzerbinati@gmail.com

2 Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil; reinaldof@ffclrp.usp.br

El texto estimula aspectos clave que pueden fomentar una reflexión psicoanalítica contemporánea relevante sobre la educación sexual al abordar temas como (1) Educación sexual para Winnicott; (2) Educación sexual desde la experiencia emocional; (3) La difícil tarea de la educación sexual; y (4) La relación psicosomática: comprendiendo y viviendo la sexualidad. En general, Winnicott concibe la educación sexual en las escuelas como una oportunidad para contemplar la sexualidad a partir de la experiencia emocional y cultural. En consecuencia, la educación sexual se convierte en un medio para involucrar y explorar la relación del individuo consigo mismo, su propio cuerpo y los cuerpos de los demás (cuerpos), constituyendo una forma fundamental de relación interpersonal en el mundo a través de la sexualidad. Esta comprensión proporciona una base sólida para un enfoque más holístico e integrado de la educación sexual, destacando su importancia en el desarrollo integral de los individuos.

Palabras clave: Educación sexual; Psicoanálisis; Sexualidad; Educación; Winnicott.

Introdução

A criança apresenta desde o início de vida todo um arsenal biológico inato que na relação com o mundo demonstra suas potencialidades. Essa potencialidade diz respeito à curiosidade em conhecer, criar, transformar o mundo e si mesmo nessa relação (Winnicott, 1968/2019; 1971/2019).

O desenvolvimento saudável caminha na medida em que o ambiente promove cuidado físico e emocional para que a criança desenvolva essa capacidade de estabelecer relações com o mundo objetivamente percebido. Saúde para Winnicott (1968/2019, 1971/2019) inclui a capacidade de brincar, viver criativamente, habitar um espaço em potencial para a própria criação no mundo e na cultura. Nesse sentido, realizar uma experiência de mundo e do si-mesmo com criatividade para transitar entre as fantasias, ilusões e a realidade intersubjetiva.

Por essa via, é brincando e sendo criativo que o ser humano poderá sentir-se vivo, verdadeiro. Essas são capacidades valiosas desde a experiência do bebê e que perpassa toda a vida do sujeito em desenvolvimento psicossomático, no qual a sexualidade se inclui. No campo da sexualidade há também essa espontaneidade saudável, que pode ser trabalhada, cuidada, desenvolvida, integrada à experiência de cada pessoa a partir de espaços específicos de Educação sexual (Winnicott, 1968/2019).

Educação sexual é uma área do conhecimento contemporâneo para compreender, elaborar e pensar os aspectos sexuais com crianças, adolescentes e adultos em diversos contextos, como educacionais, organizacionais e clínicos. A educação sexual é um campo em expansão, que busca, ao compor diferentes disciplinas entre as ciências humanas e biológicas, promover espaços de conhecimento, autoconhecimento, reflexão

e cuidado à sexualidade e seus aspectos afetivo-sexuais contemporâneos (Ribeiro, 1990; Bruns, Grassi & França, 1995; Molina & Santos 2018).

No âmbito da Educação Sexual, torna-se essencial superar uma compreensão superficial da sexualidade e abordar de maneira abrangente a temática. Para além da introdução do tema, é crucial fomentar a reflexão a partir de uma perspectiva social ampla, questionando comportamentos que já foram internalizados como naturais. Nesse contexto, é imperativo encarar a Educação Sexual como uma questão intrínseca aos direitos humanos, abrangendo a proteção da infância e da adolescência, a promoção da saúde sexual e a qualidade das relações afetivo-sexuais. Isso inclui a atenção aos contextos de convivência familiar, situações de violência sexual e de gênero, com foco no respeito à dignidade humana e qualidade de vida (Blankenheim, Ramos, Pizzinato, & Costa, 2021; Bonfim & Guimarães, 2023).

Assim, a literatura aponta para a necessidade de avanços teóricos e práticos na área da educação sexual ao demonstrar que as ações ainda são pautadas por determinadas perspectivas morais ou simplesmente conteudista, focadas unicamente nos aspectos biológicos e reprodutivos (Molina & Santos 2018; Silva, 2020; Aires, 2021; Shibuya, Estrada, Sari, Takeuchi, Sasaki, Warnaini, Kawamitsu, Kadriyan, & Kobayashi, 2023). Evidenciam, então, a necessidade de pesquisas que, do ponto de vista epistemológico, possam acolher e pensar a especificidade da experiência sexual no campo social e do comportamento humano e, do ponto de vista ético, possam promover novas perspectivas para uma educação sexual inclusiva, abrangente, contemplando aspectos integrais da existência humana.

Sem dúvida, há uma série de contextos que norteiam, influenciam e organizam a educação sexual, como o político, o religioso e o social. Mas isso não deve afastar a abertura para a especificidade e as

possibilidades da experiência de sentido da sexualidade por ela mesma, o que demonstra a relevância e a complexidade das relações humanas, nas quais o corpo, o afeto, as emoções, as paixões e as relações afetivas e sexuais aparecem como elementos importantes desde Freud (1905/2016).

Historicamente, a psicanálise se insere como um campo do conhecimento interessado em compreender a sexualidade humana, tomando-a como central à constituição psíquica humana e seu desenvolvimento emocional e psicosssexual (Freud, 1930/2010). Muitos anos já se passaram desde o surgimento do pensamento freudiano; diversos autores pós-freudianos avançaram com novas e complementares compreensões acerca da sexualidade, da mente humana e do cuidado emocional e, assim, a psicanálise se mantém como uma disciplina interessada no conhecimento acerca da sexualidade em uma perspectiva ampla, ou seja, não ligada exclusivamente ao ato sexual, aos órgãos e processos reprodutivos, mas campo vivo para pensar o ser humano na relação com outros (Kloppenber, 2016).

Dentre os psicanalistas pós-freudianos destacamos o pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971). O paradigma winnicottiano é considerado por diversos autores (Loparic, 2008; Bonaminio, 2011; Fulgencio, 2016; Dias, 2017) como inovador à psicanálise ao possibilitar uma teoria e uma clínica próprias, pautada na ética do cuidado, que avança a sexualidade compreendida por Freud em uma perspectiva ampliada a partir das relações psicossomáticas, intersubjetivas, na cultura e integrada ao desenvolvimento emocional.

A teoria winnicottiana abraça a dimensão ontológica do sujeito, reconhecendo a multiplicidade dos aspectos que contribuem para a experiência de ser, enfatizando o valor da descoberta nessa jornada, que é intermediada pela criatividade do si-mesmo (Ogden, 2019). Essa criatividade possibilita que o sujeito não apenas explore a própria experiência, na qual a sexualidade se inclui, mas também se utilize dela como um recurso para se constituir e viver de modo verdadeiro no mundo intersubjetivo.

No contexto educacional as contribuições de Winnicott têm o potencial de aprimorar a construção de ambientes escolares mais descontraídos tanto para professores quanto para alunos. Essa abordagem propicia reflexões fundamentadas na experiência, possibilitando a expansão das oportunidades para a construção de uma educação que não apenas transmita

conhecimento, mas também promova significado. Esse significado abrange diversos aspectos, como os cognitivos, físicos, emocionais, políticos, sociais, culturais e outros, consolidando assim os laços de confiança e fomentando o brincar criativo no processo de aprendizagem (Souza, Pedroza & Maciel, 2022).

Assim, este artigo tem como objetivo apresentar a abordagem de Donald Winnicott sobre um tópico específico em seus escritos: a educação sexual nas escolas. Foi utilizado como principal fonte para este estudo teórico/conceitual o texto intitulado “Educação sexual nas escolas” (Winnicott, 1949/2019), originalmente publicado em inglês como “*Sex Education in Schools*” (Winnicott, 1949). Esse texto faz parte do livro “A criança e seu mundo” (Winnicott, 1964/2019), que consiste em uma compilação de palestras transmitidas pela B.B.C., em que o autor aborda uma variedade de tópicos relacionados ao cuidado necessário para o desenvolvimento físico e emocional humano, no contexto das relações com o mundo que cerca o ser humano desde o início, incluindo os cuidadores principais, a família, a escola e a sociedade.

Winnicott, ao longo de sua carreira, dedicou esforços consideráveis para estabelecer esse diálogo com cuidadores, educadores e o público em geral. Seu objetivo era traduzir os conceitos e sua perspectiva psicanalítica, tornando-os acessíveis e aplicáveis à vida das pessoas, à criação dos filhos e ao desenvolvimento humano em geral. Nesse contexto, o texto aqui discutido fomenta aspectos-chaves que, ao serem integrados a outros conceitos e à obra winnicottiana, que continuou se desenvolvendo, podem proporcionar uma reflexão relevante acerca da educação sexual nas escolas, particularmente em nosso cenário contemporâneo, marcado por divergências e resistência em relação a essa temática que demandam diálogos abertos e que possam legitimar e demonstrar a integralidade da existência e da experiência humana. Assim, as contribuições de Winnicott à Educação Sexual foram organizadas em sessões para análise, a saber: (1) A Educação sexual para Winnicott; (2) Educação sexual a partir da experiência emocional; (3) A difícil tarefa da educação sexual e (4) A relação psicossomática: compreendendo e vivendo a sexualidade.

Além disso, é importante frisar que não é nosso objetivo situá-lo em seu contexto e época, o que está além dos limites deste artigo; por exemplo, avaliar em que medida esse escrito é progressista para a época ou preso a seus preconceitos e valores demandaria outro

tipo de trabalho. Nosso objetivo é bem mais simples e pragmático, a saber, extrair desse texto e, embasados no pensamento psicanalítico do autor sobre o desenvolvimento humano, qual seria o princípio de seu pensamento para uma ideia de educação sexual.

Resultados e Discussão

A Educação Sexual para Winnicott

O bebê winnicottiano nasce com todo aparato biológico necessário e em potencial para o desenvolvimento; porém, é na complexa relação com o ambiente que vai, aos poucos, se tornando humano e se desenvolvendo tanto em nível físico, como emocional e social (Winnicott, 1967/2019, 1971/2019). A família é a primeira instituição de cuidado do bebê. É nela que ele poderá crescer a partir de um ambiente responsável e cuidadoso para com as suas necessidades físicas e emocionais. O ambiente deve promover a segurança e a estabilidade necessárias para que o pequeno humano tenha o conforto necessário para descobrir o mundo, confiar no mundo e criá-lo de modo autêntico (Winnicott, 1965/2011).

Esse desenvolvimento depende do cuidado satisfatório de três funções fundamentais: a de *holding*, a de *handling* e a de apresentação dos objetos. *Holding* diz respeito à capacidade de cuidar e satisfazer as necessidades vitais do bebê, permitindo sua integração no tempo e no espaço a partir do cuidado de prover. A função de *holding* se relaciona com a capacidade do cuidador principal reconhecer as necessidades do bebê, por intermédio da identificação, da própria experiência, responsabilidade e disponibilidade ao cuidado (Winnicott, 1965/2011, 1960/2022a, 1972/2010).

O *handling* diz respeito ao manejo que facilitará a formação de uma parceria psique-soma no lactente, promovendo a adequada experiência do bebê com seu corpo real a partir do cuidado promovido pelo ambiente. Esse cuidado é funcional, motor e sensorial, possibilitando o limite do eu e não eu em nível corpóreo, equacionado pela superfície da pele do bebê (Winnicott, 1965/2011, 1960/2022a).

Por fim, a apresentação ou realização de objetos é a disponibilidade do ambiente em tornar real o impulso criativo da criança, possibilitando que ela descubra e se relacione com os objetos criativamente, a partir do próprio gesto espontâneo da criança e, assim, realize uma experiência intersubjetiva com o objeto (Winnicott, 1965/2011, 1960/2022a, 1972/2010). É

importante percebermos a relação da apresentação de objetos como uma continuidade às funções de *holding* e *handling*. São cuidados que vão ganhando novos formatos na medida da necessidade do bebê e conforme seu próprio desenvolvimento.

A criança, assim, cresce de um núcleo familiar protegido que, aos poucos, vai sendo ampliado para outras relações e novos desafios ao próprio desenvolvimento. É então que a escola adentra a cena para ajudar a família na tarefa de continuar promovendo o desenvolvimento da criança. A escola é compreendida como um elemento do mundo exterior da criança (Winnicott, 1949/2019), uma instituição que representa um espaço preponderante, cada vez mais precoce, de experiências que contribuem à formação pedagógica, cognitiva, social, emocional e humana da criança até a vida adulta.

Especificamente em termos emocionais, muitos afetos serão oportunizados nessa nova experiência da criança/adolescente com novas relações além das familiares. Isso inclui sentimentos e experiências de amor, ódio, ciúmes, medo, fantasias, excitações corporais, componentes da sexualidade, como descobrimento do próprio corpo e do corpo das outras pessoas, e observação dos níveis e formatos das intimidades afetivo-sexuais (Winnicott, 1949/2019). Logo, a escola se apresenta como um ambiente rico e propício para que esses aspectos complexos da experiência humana sejam vivenciados e elaborados emocional e cognitivamente. Nesse contexto, a Educação Sexual surge como uma proposta valiosa para integrar os diversos estímulos da vida e promover uma compreensão e uma experiência integral das dimensões biológicas, emocionais e sociais da sexualidade. Ela oferece uma oportunidade importante para que os alunos desenvolvam uma compreensão mais completa de si mesmos e do mundo ao seu redor, contribuindo para uma educação mais abrangente, inclusiva e respeitosa (Furlanetto, Lauermann, Costa, & Marin 2018; Shibuya, *et al.*, 2023).

Com isso, a Educação Sexual nas escolas é importante para Winnicott (1949/2019) principalmente por dois motivos. O primeiro diz respeito à inevitável relação humana com a própria sexualidade. A criança desde muito cedo é curiosa aos aspectos sexuais, ao próprio corpo, ao corpo do adulto, às diferenças e semelhanças dos corpos, aos gêneros, aos relacionamentos afetivos e sexuais que, inevitavelmente, fazem parte de sua vida e sua rotina.

Em outros termos, a educação sexual pode e deve contribuir para a elaboração e compreensão de elementos percebidos pelas crianças e adolescentes tradicionalmente inscritos no campo da sexualidade. Aqui incluímos comportamentos sexuais problemáticos, como abuso e violência sexual, pedofilia, entre outros fenômenos, que podem entrar no campo de visão das crianças e que precisam de espaço para que sejam compreendidos e trabalhados em níveis de prevenção e intervenção (Ribeiro, Souza & Souza, 2004). Assim como os aspectos naturais do crescimento sexual, como o desenvolvimento do corpo, vivências passíveis de fantasias, angústia, dúvidas, que poderão ser compreendidas e elaboradas em um lugar adequado e de confiança para a reflexão (Winnicott, 1949/2019).

Todo esse contexto educacional e familiar reforça a importância da Educação Sexual enquanto um campo responsável e ético de reflexão para cobrir possíveis lacunas e dificuldades na relação entre pais e filhos no trato de questões acerca da sexualidade, considerando, inclusive, os tabus que pesam o tema, com os quais cresceram e se formaram os próprios pais (UNESCO, 2014). Muitos, inclusive, pouco sabem a respeito da própria sexualidade e foram educados sexualmente a partir de um campo de valores dogmáticos e repressivos (Freud, 1930/2010; Chauí, 1984).

Assim, a escola não deve ser compreendida como uma intrusa ao ensino da sexualidade, mas como um espaço privilegiado para conhecer e pensar sobre a sexualidade. Naturalmente, cada temática deve ser tratada de forma adequada à fase de desenvolvimento e conforme a realidade, capacidade emocional e cognitiva de cada criança, considerando seu contexto social e familiar (Winnicott, 1949/2019; Bruns, Grassi & França, 1995; Cavazotti, 2021).

Para Winnicott (1949/2019), as informações completas e abertas sobre a sexualidade devem estar ao alcance das crianças e adolescentes, porém, não a ponto de substituir a própria exploração e vivência. Nessa perspectiva, a Educação Sexual também deve respeitar esse limite, abrindo à reflexão conforme o caminhar de cada aluno e sua experiência individual. Sabendo, inclusive, que, às vezes, o fechamento do assunto será do aluno com um amigo, por exemplo.

O intuito é promover um campo aberto para a experiência, que possa não reproduzir ou submeter o sujeito a modelos ou um modo de ser, existir ou se comportar sexualmente, mas que tenha na diversidade contemporânea uma perspectiva para chegar

ao ser sexual e intersubjetivo a partir do próprio gesto espontâneo. Winnicott, assim, pode ajudar a flexibilizar normas hierárquicas à sexualidade como aponta Silva, Barcelos e Aiello-Vaisberg (2022), para que no contexto da educação sexual, a finalidade seja potencializar a responsabilidade, a poesia e a liberdade criativa do viver, da emancipação para a vida autêntica, sem introjeções rígidas, pretensões mecânicas ou idealizadas dos corpos, da sexualidade, de ser e existir enquanto humano na e pela experiência intersubjetiva (Winnicott, 1949/2019).

Educação Sexual a partir da experiência emocional

Winnicott (1949/2019) parte de que a Educação Sexual deve ser trabalhada a partir da própria realidade das crianças e adolescentes. A escola pode dar voz e aproveitar da expressividade de cada aluno, de sua curiosidade, espontaneidade e busca pela descoberta de si por meio de seu próprio corpo, desejos, sentimentos e emoções.

O autor defende que a descoberta se relacione com a experiência emocional de cada criança ou adolescente. A escola pode aproveitar da experiência dos alunos com suas famílias e com o próprio ambiente escolar. Winnicott (1949/2019, p.324) exemplifica a curiosidade dos alunos com os relacionamentos dos professores: “a existência de funcionários casados e com família crescendo ao redor da própria escola exerce uma influência natural e favorável, mais estimulante e instrutiva do que muitas lições teórica”.

Assim como os professores, temos a família de cada aluno, vizinhos, colegas, pessoas casadas, que namoram, que se beijam, que demonstram carinho, possuem um corpo, demonstram naturalmente a própria sexualidade e afetividade no contato humano com outros humanos. Além disso, todo o estímulo vindo, muitas vezes sem controle, das mídias digitais, filmes, séries, jogos, etc. Todos esses desencadeantes caem na rede de assimilação e pensamento e precisam de espaço e acolhimento para serem tolerados, organizados e pensados.

Winnicott (1949/2019), nesse aspecto, é crítico às palestras e lições acerca da sexualidade quando oferecem conteúdos prontos, quando trazerem aspectos da intimidade em momentos aleatórios na vida das crianças, escolhidos fora de contexto, não pela demanda e necessidade dos próprios alunos. Um segundo

problema é o de que raramente uma lição abordará inteiramente a complexidade das questões afetivas, sexuais e amorosas dos relacionamentos humanos. A descoberta da sexualidade através de lições sexuais pode promover uma pura adaptação à realidade, uma consciência falsa, falha, de relações mecânicas do sujeito com o outro e mesmo com seu próprio corpo, desejo e processo de desenvolvimento.

A pura adaptação à realidade é vista como um aspecto da submissão, oposta à criação; é o viver que deve ser adequado ou que exige adaptação. Esse processo pode interromper a continuidade do ser e espontaneidade do si-mesmo ao pontuar de fora para dentro um caminho predeterminado para ser e existir no mundo. Essa submissão ao ambiente é considerada como o estágio inicial do falso *self*, um estado construído com base em introjeções pautadas em regras pré-determinadas, que não permitem ou antecipam a própria experiência verdadeira do *self* (Winnicott, 1960/2022b).

O verdadeiro *self* é um conceito teórico proposto por Winnicott (1960/2022b) para compreender o desenvolvimento emocional saudável, a parte espontânea, original, logo verdadeiro de cada pessoa. O verdadeiro *self*, ou verdadeiro si-mesmo, é sentido como real, pode ser vivido e usufruí criativamente do viver no mundo físico, relacional e emocional.

É nesse sentido que seria um problema uma educação sexual padronizada ou mesmo uma sexualidade padronizada, pois poderia impedir ou atrapalhar a descoberta individual e a expressão genuína à sexualidade. Notadamente, isso não implica que palestras pontuais não possam ter seu valor em determinados contextos objetivos, como prevenção de gravidez indesejada ou precoce, ou ainda Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Porém, a perspectiva winnicottiana sugere que a abordagem individualizada, que permite a exploração e a expressão genuína das necessidades e experiências de cada pessoa, pode ser mais eficaz em promover uma experiência autêntica. Assim, enquanto as palestras podem ter seu valor, é importante considerar como elas podem ser adaptadas para atender às necessidades individuais e encorajar a descoberta e a expressão do verdadeiro *self*, evitando assim a rigidez das padronizações que podem limitar essa expressão autêntica.

Aqui temos uma dificuldade, o material humano para o desenvolvimento dessa discussão íntima e complexa que é a Educação Sexual.

A difícil tarefa da Educação Sexual

As lições e instruções sexuais em uma perspectiva conteudista pouco tem a ver com o desenvolvimento natural de cada criança ou adolescente. Ao contrário, uma Educação Sexual que privilegie a experiência, o pensamento, despida de moralidade, pode ajudar os alunos em seus desenvolvimentos emocionais e sexuais vindo ao encontro com suas demandas de vir a ser e viver (Winnicott, 1949/2019).

Dessa forma, Winnicott (1949/2019, p.323) entende que as reflexões acerca da sexualidade, ou mesmo sobre o sexo, não devem acontecer por pessoas de fora do convívio dos alunos, pessoas fora da escola. Primeiro pois perderia o caráter íntimo da questão e, também, pois “o que não pode ser feito pela equipe da própria escola também não pode ser tolerado pela própria equipe”.

Ao falarmos das emoções e da sexualidade estamos falando de experiências vividas individualmente e no grupo. Alguém do grupo escolar poderá aproveitar da própria intimidade com as crianças para avançar livremente às descobertas sexuais a partir da realidade delas, integrando a experiência ao saber teórico e, também, assumindo e tolerando tal espaço para o trabalho de dentro para fora em Educação Sexual.

Certamente, isso não compromete que propostas externas possam ser desenvolvidas e implementadas em contextos e objetivos específicos como o da promoção de saúde pública, por exemplo. No entanto, o olhar winnicottiano é valioso ao destacar a intimidade necessária no campo da sexualidade.

Ao levar em conta a ênfase de Winnicott nas relações interpessoais, no respeito às necessidades emocionais e na compreensão da individualidade de cada pessoa, as propostas externas podem ser planejadas de modo sensível a cada realidade e contexto. Essa intersecção de propostas objetivas e subjetivas não são excludentes e podem ser equacionadas de inúmeras maneiras. Por exemplo, Winnicott (1949/2019) propõe que a equipe, quando necessário, busque apoio de profissionais especializados para conversar e desenvolver discussões acerca da sexualidade e, assim, instrumentalizados, que a própria equipe possa desenvolver o trabalho na escola.

O que é relevante é o entendimento de Winnicott à importância da intimidade e subjetividade à Educação Sexual. Sua abordagem afetuosa pode contribuir para a criação de um ambiente educacional

que seja acolhedor, seguro e que promova a educação sexual de maneira compassiva, a partir, e conforme, a experiência e interesse dos alunos. Com isso, a abordagem winnicottina pode atender à necessidade destacada por Blankenheim *et al.* (2021) no cenário da Educação Sexual brasileira de reconhecer a diversidade e não negligenciar as variáveis sociais e culturais nas abordagens e nos conceitos acerca das sexualidades.

Considerar os diferentes contextos emocionais, sexuais, culturais, políticos e religiosos dos alunos, pode proporcionar um ambiente onde os alunos se sintam mais à vontade para explorar a sexualidade na interfase com todas essas nuances da experiência e produção de sentido. Estes elementos, inclusive, poderiam representar obstáculos ao processo de descoberta e reflexão caso não fossem devidamente considerados. Ao podermos legitimar a verdadeira experiência a partir de seus contextos específicos, podemos promover a Educação Sexual em contextos diversos.

Os responsáveis pela Educação Sexual precisam estar aptos para enfrentar esses surpreendentes antagonismos que a temática promove, dos quais, Winnicott (1949/2019) também destaca a resistência que os adolescentes podem desenvolver em relação aos adultos, em especial aos que querem auxiliá-los nessa época crítica do crescimento.

Assim, torna-se evidente a importância de um embasamento acadêmico especializado e de programas contínuos de formação para os professores (Leão, Ribeiro & Bedin, 2010; Zerbinati & Bruns, 2017). A criação de espaços dedicados à capacitação e sensibilização dos docentes em relação ao respeito à diversidade é fundamental para a construção de uma educação mais equitativa (Vasconcelos, Gonçalves, Almeida, & Souza, 2019).

O complemento de Winnicott (1949/2019) para essa problemática contemporânea aponta para a indispensável maturidade emocional e experiência por parte da pessoa ou equipe responsável pela Educação Sexual. Essa capacidade emocional é essencial para lidar com as complexidades envolvidas no processo educacional e reflexivo sobre as sexualidades. Dessa maneira, os estudantes poderão se identificar mais facilmente e, conseqüentemente, manifestar um interesse genuíno por uma experiência aberta, com menos obstáculos.

E ainda, é pertinente que a pessoa ou equipe responsável pela Educação Sexual tenha a capacidade de confiar e perceber a parte saudável das relações afetivas e sexuais. Assim como acreditar verdadeiramente que

a maioria dos alunos pode aproveitar desse material de modo saudável, por serem saudáveis em termos de interesse, curiosidade, uso criativo e adequado das informações conversadas (Winnicott, 1949/2019).

A relação psicossomática: compreendendo e vivendo a sexualidade

Sob a perspectiva de Winnicott (1949/2019), a Educação Sexual pode desempenhar um papel crucial na criação de um ambiente educacional acolhedor e sensível às necessidades e curiosidades dos alunos. Ela oferece um espaço de atenção à vida, exploração e aprendizado que não tem como objetivo alcançar uma verdade pré-determinada ou concluir um assunto ou matéria de forma definitiva. Em vez disso, a Educação Sexual se destina a criar oportunidades para que os alunos possam descobrir a si mesmos na realização do desejo à integração psicossomática nas relações com os outros.

Winnicott (1990, 1949/2021) enfatiza a relação psicossomática e de integralidade no desenvolvimento humano. Assim:

A base da psique é o soma e, em termos de evolução, o soma foi o primeiro a chegar. A psique começa como uma elaboração imaginativa das funções somáticas, tendo como sua tarefa mais importante a interligação das experiências passadas com as potencialidades, a consciência do momento presente e as expectativas para o futuro. É dessa forma que o *self* passa a existir (Winnicott, 1990, p. 19).

Há, nessa perspectiva, uma tendência instintiva inicial do bebê humano de unir a psique no corpo, impulsionada pelos cuidados recebidos do ambiente. A conquista da integração remete à realização de ser. O corpo, a pele, torna-se a fronteira entre o eu e o não-eu. A psique começa a viver no *soma* e a vida psicossomática é essa relação. Assim, o corpo não se reduz à sexualidade, pois é reflexo da existência psicossomática de cada pessoa, que inclui a sexualidade. A sexualidade é a ponte para o contato afetivo-sexual, sobretudo para as vivências nas relações íntimas e afetuosas entre os seres humanos (Winnicott, 1990).

A nossa flor favorita é muito mais do que água; todavia, um botânico fracassará em sua tarefa se, ao descrever uma planta, esquecer-se de mencionar a água, da qual é principalmente composta. Na psicologia,

há cinquenta anos, havia realmente o perigo de que a parte sexual da vida infantil fosse postergada, em virtude do tabu a respeito da sexualidade infantil (Winnicott, 1947/2019, p.181).

Winnicott sinaliza na mesma direção que Merleau-Ponty (1945/1994) para a superação dicotômica e cartesiano de corpo e mente. Uma compreensão em que a existência humana se expande para além desse limite, estabelecendo-se como um movimento que às vezes é conduzido pelas ações do corpo e às vezes é direcionado por escolhas pessoais. Nesse contexto, ocorre uma interconexão entre os motivos psicológicos e as manifestações corporais, pois todo movimento de um corpo vivo está relacionado às intenções psíquicas, assim como todo ato psíquico encontra sustentação nas disposições fisiológicas. A integração entre o aspecto psíquico e o físico implica a restauração do caráter ontológico mais amplo da experiência humana, transcendendo, portanto, qualquer polarização entre mente e corpo (Dors, 2019).

É nesse sentido que a teoria winnicottiana reconhece que o desenvolvimento humano não deve ser fragmentado em funções biológicas, mentais ou sexuais. O que está em jogo é a própria experiência de ser, com tudo o que ela envolve de maneira estritamente pessoal: o sentimento de ser e de sentir-se real. Sentir-se real é mais do que existir, é encontrar a si mesmo de modo criativo, é se relacionar com o si-mesmo e com os outros sem perder o próprio sentido (Winnicott, 1967/2019, 1958/2022). O potencial biológico para a existência, todavia, como já dito, não é garantia para tais conquistas. Somente ao longo de um processo contínuo de amadurecimento, que as diversas dimensões da experiência humana poderão gradualmente se integrar à personalidade, desde que esse indivíduo tenha a sorte de contar com um ambiente facilitador para esse desenvolvimento.

A educação sexual pode cumprir um aspecto desse sentido facilitador, uma vez que o amadurecimento biológico desencadeará uma série de transformações físicas e emocionais que são campo para investimento intelectual, científico e emocional, focalizando na conquista da sexualidade saudável quando adulto. A sexualidade infantil e adolescente não está pronta, evidentemente, cabe ao meio poder proporcionar as condições necessárias para a assimilação,

integração e compreensão dessa rica relação entre corpo e mente, do humano com si mesmo e com outro humano (Winnicott, 1949/2019, 1947/2019).

A biologia pode ser, de tal modo, um caminho, principalmente para as crianças pequenas. Porém, os aspectos biológicos não devem depreciar os aspectos emocionais, das relações e dos sentimentos. Pelo contrário, podem ser a entrada para a progressiva compreensão de elementos cada vez mais elaborados, iniciando pelo animal, chegando ao humano. Um caminho natural através da elaboração subjetiva dos sentimentos e fantasias infantis e adolescentes (Winnicott, 1949/2019).

Considerações finais: horizontes

Para concluir, duas ideias gerais se destacam no texto de Winnicott sobre a questão da educação sexual nas escolas. A primeira ideia, mais simples e fácil de ser seguida e aplicada, é a necessidade de uma educação que contemple de forma objetiva a realidade biológica presente na experiência sexual, e que essa dimensão pode e deve ser contemplada desde os primeiros anos da educação formal promovida nas escolas, ao encontro da curiosidade natural das crianças pela realidade da vida de forma geral. Ou seja, mais precisamente, a educação sexual do ponto de vista biológico está inserida no contexto mais amplo das diferentes formas de vida e suas condições, das quais faz parte sua reprodução de forma sexuada ou não. A passagem para o contexto da sexualidade humana, do ponto de vista biológico, será feita, assim, da forma mais natural e espontânea possível, como um prolongamento espontâneo do estudo da vida de forma geral.

Mas, conforme fora adiantado, essa é a parte mais simples de realizar, desde o avanço da ciência nas sociedades modernas, embora possa haver tabus e censuras específicas sobre alguns de seus conteúdos. Afinal, mesmo informações meramente objetivas podem se associar de forma mais intensa à dimensão erótica ou sensual da sexualidade humana, que mobilizam a parte mais obscura e desconcertante das forças presentes no corpo e na sua relação com o outro.

Ora, é com essa dimensão da experiência do corpo próprio que entra o “X” da questão da educação sexual propriamente dita, que envolve a relação do si-mesmo, do próprio corpo consigo mesmo e com os outros (corpos), e que representa a chave da vida do sujeito, conforme destaca Freud ao longo de sua obra,

pois é o princípio da forma de ser no mundo por meio do corpo na relação com o outro, conforme a leitura de Merleau-Ponty (1945/1994) acerca do significado da sexualidade na obra freudiana.

Como diz Merleau-Ponty (1945/1994, p. 219): “Se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo”. Esse é o ponto chave, que Winnicott aponta como a questão da união do corpo e da alma na existência humana. E essa é uma aventura encaminhada socialmente, como em toda forma de vida, mas assumida na singularidade da vida de cada ser humano. Pois o que é a alma, senão o campo de sentido do si ou o sentido de sua vida no mundo com o outro? Como unir essa dimensão da vida com o corpo que a expressa, de forma privilegiada por meio da própria sexualidade?

Especificamente no texto sobre educação sexual, Winnicott (1949/2019) diz claramente que o encaminhamento da sexualidade é uma questão sobretudo individual, rechaçando uma formação genérica e programática sobre o assunto. Ou, como visto, essa formação genérica é uma base importante de esclarecimento de aspectos biológicos do corpo, mas esse é apenas o ponto de partida para uma formação que necessariamente será assumida pela experiência de cada um com seu corpo sexuado na relação com o outro. “Mesmo as melhores preleções sobre o sexo empobrecem o assunto, o qual, quando abordado de dentro para fora, pela experimentação e pela experiência, tem o potencial de infinita riqueza” (Winnicott, 1949/2019, p. 244).

Nesse sentido, Winnicott (1949/2019) lembra que mais importante do que palestras para adolescentes sobre sexualidade, que não preenchem o hiato entre sentidos gerais abstratos e a experiência de cada um com seu corpo sexuado situado concretamente no tempo de sua duração e no espaço de suas relações com os outros, são os exemplos das pessoas que lhes são mais próximas e sua disponibilidade ou abertura para responder as questões pessoais que lhes são dirigidas com base na confiança pessoal, o que sabemos que não é simples nem fácil de ocorrer. Se por um lado isso mostra a relação intrínseca entre desenvolvimento sexual e meio social, o que insere, mais uma vez, a sexualidade como uma experiência datada e situada socialmente, por outro justifica a importância de profissionais experientes nas escolas que possam servir de

apoio às angústias, dúvidas ou incertezas presentes nesse período de desabrochamento da vida sexual no desenvolvimento humano.

Um profissional capaz de servir de apoio para esse desenvolvimento que deve ser assumido de forma singular por cada ser humano, de modo a favorecer sua existência pessoal na relação com o outro ou na sociedade, de forma geral. Ou seja, “a educação não é substituto para a exploração e realização pessoal” (Winnicott, 1949/2019, p. 248).

A literatura nacional e internacional destaca diversas dificuldades relacionadas à educação sexual nas escolas, incluindo obstáculos culturais e religiosos por parte dos pais e/ou professores, bem como a falta de integração da educação sexual em uma abordagem mais abrangente (Zerbinati & Bruns, 2017; Furlanetto, *et al.*, 2018; Shibuya, *et al.*, 2023). Nesse contexto, o entendimento geral da abordagem proposta por Winnicott oferece um respaldo importante para a formulação de propostas que possam contribuir para a superação dessas dificuldades.

Sua ênfase na importância das relações interpessoais e na compreensão das necessidades emocionais e psicológicas das crianças e adolescentes pode orientar as práticas educacionais, permitindo que os educadores promovam um ambiente de aprendizado mais flexível, compassivo e aberto, que pode ser benéfico tanto para o diálogo com os alunos e suas famílias, quanto para os próprios educadores.

Em síntese, a abordagem winnicottiana pode ajudar a integrar a educação sexual em uma perspectiva holística, considerando um todo não separado dos aspectos físicos, emocionais e psicológicos da sexualidade. Um campo para a integração da sexualidade com a experiência de viver de forma criativa, isto é, sem submeter-se a estruturas de controle e domínio da subjetividade e do corpo, e com respeito ao outro e a si próprio. O necessário cuidado consigo e com os outros deve acompanhar o desenvolvimento do amadurecimento e da liberdade de cada ser humano, conforme aponta Winnicott ao longo de sua obra.

A educação sexual pode ser um importante instrumento para transmitir o conhecimento científico acerca das sexualidades como suas siglas, conceitos, abordagens e sistemas de atenção e cuidado à saúde, arranjos familiares e dinâmicas de relacionamentos afetivo-sexuais. Porém, torna-se pertinente ir além, flexibilizar o discurso conforme cada realidade familiar, social e subjetiva a fim de viabilizar uma elaboração

individual, que venha ao encontro com o desenvolvimento criativo, reflexivo, existencial, afetivo e sexual humano: a experiência de um verdadeiro *self*.

Esse aparente detalhe pode ser fundante ao existir, viver e constituir-se subjetivamente de modo criativo, ético e democrático, tendo a verdade e liberdade subjetiva como horizonte às relações do sujeito com si mesmo e com o outro (Honneth 1949/2009; Dias, 2017).

A partir da teoria do amadurecimento humano atrelado à educação sexual proposto por Winnicott (1949/2019) torna-se indispensável acolher o potencial autêntico e subjetivo da sexualidade, esse campo rico para experiências emocionais potentes à reflexão, desenvolvimento humano, ético e respeitoso consigo e com os outros.

Winnicott vincula, pois, claramente a sexualidade como uma forma de relação interpessoal. O que em certo sentido pode parecer redundante, desde que não se esclareça que a sexualidade pode remeter tanto à relação com o próprio corpo quanto à relação com o outro, podendo-se enfatizar mais ora uma, ora outra dessas relações. Winnicott destaca, neste pequeno texto, a importância do amadurecimento da relação interpessoal da criança com seus cuidadores, que a prepara para o encaminhamento de uma relação sexual saudável com o outro na sua passagem para a vida adulta. De modo que se completaria, assim, a possibilidade de uma integração saudável, psicossomática, conforme os termos de Winnicott (1949/2019, p.244), uma união sempre aberta, por definição, “o anseio de corpo e alma por uma união de corpo e alma”.

Diz Winnicott (1949/2019, p. 248), “algumas crianças chegam à alma através do corpo, enquanto outras chegam ao corpo através da alma. A adaptação ativa é a expressão-chave em toda a assistência e educação infantil”. Adaptação ativa que enfatiza, mais uma vez, a experiência concreta e singular de cada pessoa, cuja relação psicossomática varia em cada caso e, poderíamos completar, pode oscilar na história do desenvolvimento humano de cada indivíduo, pois o ponto de partida e chegada entre corpo e psique, conforme a citação, pode se alterar na sequência. O importante, lembrando aqui Merleau-Ponty (2001), é manter aberta a comunicação entre ambos, atravessada pelas relações com os outros.

Referências

- Aires, D. C. (2021). Educação sexual: um direito humano. Leis vigentes na Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. *Revista de la Facultad de Derecho*, 50, p. e20215016. Recuperado de: <https://doi.org/10.22187/rfd2021n50a16>.
- Blankenheim, T., Ramos, N. F., Pizzinato, A., & Costa, A.B. (2021). Intervenções educativas para aprendizagem acerca de sexualidade e gênero no Brasil: uma revisão de escopo. *Psicologia da Educação*, 53, 66-75, 2021. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.23925/2175-3520.2021i53p66-75>.
- Bonaminio, V. (2011). *Nas margens de mundos infinitos... A presença do analista no espaço transicional em uma perspectiva contemporânea do pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bonfim, H. C. C., & Guimarães, O. M. (2023). Direitos humanos e formação de docentes de ciências em periódicos nacionais. *Ensaio Pesquisa Em Educação Em Ciências*, 25, e35107, 2023. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240132>.
- Bruns, M. A. T., Grassi, M. V. F. C., & França, C. (1995). Educação sexual numa visão mais abrangente. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 6(1), 60-66. Recuperado de: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v6i1.798>
- Chauí, M. (1984). *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Dias, E. O. (2017). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. 4a. Ed. São Paulo: DWWeditorial.
- Dors, L. K. (2019). *Merleau-Ponty e Winnicott: intersubjetividade e psicanálise infantil*. Porto Alegre: Editora Fi.
- Freud, S. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud, *Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentada de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)* (pp.13-172). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930/2010). O mal-estar na civilização. In: S. Freud, *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp.13-354). São Paulo: Companhia das Letras.
- Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni.

- Furlanetto, M. F., Lauermann, F., Costa, C. B., & Marin, A. H. (2018). Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, 48(168), 550-571. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/198053145084>
- Honneth, A. (1949/2009). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.
- Kloppenbergh, B. (2016). The Psychoanalytic Mode of Thought and its Application To the Non-Normative Analysis of Sexuality and Gender. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 64 (1), 133–159. Recuperado de: <https://doi.org/10.1177/0003065115625304>
- Leão, A. M. C., Ribeiro, P. R. M., & Bedin, R. C. (2010). Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, 11(01), 36 - 52. Recuperado de: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2015>
- Loparic, Z. (2008). O paradigma winnicottiano e o futuro da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 137-150. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100014&lng=pt&tlng=pt
- Merleau-Ponty, M. (1945/1994). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2001). Remarques sur l'usage des données psychanalytiques, In : M. Merleau-Ponty. *Psychologie et pédagogie de l'enfant – Cours de Sorbonne, 1949-1952* (pp. 328-340). Lagrasse (França): Verdier. 28-340tiques, in serxuaento cada serque deve acompanhar o desenvolvimento do pr
- Molina, A. M. R., & Santos, W. B. (2018). Educação Sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 13(4), 1149–1163. Recuperado de: <https://doi.org/10.21723/riace.v13.n3.2018.9530>
- Ogden, T. H. (2019). Ontological Psychoanalysis or “What Do You Want to Be When You Grow Up?” *The Psychoanalytic Quarterly*, 88(40), 661-684. Recuperado de: <https://doi.org/10.1080/00332828.2019.1656928>
- Ribeiro, P. R. C., Souza, N. G. S., & Souza, D. O. (2004). Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. *Revista Estudos Feministas*, 12(1):109-29. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100006>
- Ribeiro, P. R. M. (1990). *Educação Sexual - além da informação*. São Paulo: EPU.
- Shibuya, E., Estrada, C. A., Sari, D. P., Takeuchi, R., Sasaki, H., Warnaini, C., Kawamitsu, S., Kadriyan, H., & Kobayashi, J. (2023). Teachers' conflicts in implementing comprehensive sexuality education: a qualitative systematic review and meta-synthesis. *Trop Med Health*, 51(18). Recuperado de: <https://doi.org/10.1186/s41182-023-00508-w>
- Silva, C. R. (2020). O conhecimento sobre sexualidade – por uma gnosiologia (teoria do conhecimento) em educação sexual: algumas indagações. *DOXA: Revista Brasileira De Psicologia E Educação*, 22(1), 66–82. Recuperado de: <https://doi.org/10.30715/doxa.v22i1.13598>
- Silva, G. R. de A. da, Barcelos, T. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2022). Lutando para Existir: Experiência Vivida e Sofrimento Social de Pessoas Transgêneras. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12240. Recuperado de: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12240>
- Souza, T. R., Pedroza, R. L. S., & Maciel, M.R. (2022). Psicanálise e educação: crianças e educadores brincando com palavras. *Psicologia da Educação*, 55, 21-29. <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2022i55p21-29>
- UNESCO. (2014). *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO. Recuperado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>
- Vasconcelos, G. A. B. L., Gonçalves, E. A., Almeida, I. C. P., & Souza, P. V. T. (2019). Orientação sexual e o processo de inclusão na formação de professores. *Debates Em Educação*, 11(24), 125–144. Recuperado de: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/5560>
- Winnicott, D. W. (1947/2019). A criança e o sexo. In: D. W. Winnicott. *A criança e seu mundo* (pp.166-182). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1949). Sex education in Schools. In: L. Caldwell, & H. T. Robinson (eds.). *The Collected Works of D. W. Winnicott: Volume 3, 1946-1951* (pp.323-326). New York: Oxford Academic. Recuperado de: <https://doi.org/10.1093/med:psych/9780190271350.003.0062>
- Winnicott, D. W. (1949/2019). Educação Sexual nas escolas. In: D. W. Winnicott. *A criança e seu mundo* (pp.243-248). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1949/2021). A mente e sua relação com o psicossoma. In: D. W. *Da pediatria à psicanálise: escritos reunidos* (pp. 361-377) São Paulo: Ubu Editora.

- Winnicott, D. W. (1958/2022). A capacidade de ficar sozinho. In: D. W. Winnicott. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 25-32). São Paulo: Ubu Editora; WMF Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1960/2022a). A teoria do relacionamento pais-bebê. In: D. W. Winnicott. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 33-50). São Paulo: Ubu Editora; WMF Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1960/2022b). Distorção do ego em termos de *self* verdadeiro e falso *self*. In: D. W. Winnicott. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (p. 136-149). São Paulo: Ubu Editora; WMF Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1964/2019). *A criança e seu mundo*. 6a. Ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1965/2011). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp.21-28). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1967/2019). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp.134-141). São Paulo: Ubu Editora.
- Winnicott, D. W. (1968/2019). O brincar: proposição teórica. In: D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. (pp. 43-56). São Paulo: Ubu Editora.
- Winnicott, D. W. (1971/2019). O brincar: atividade criativa e a busca do *self*. In: D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. (pp. 57-67). São Paulo: Ubu Editora.
- Winnicott, D. W. (1972/2010). *Holding e interpretação*. (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. de T. (2017). Sexualidade e educação: revisão sistemática da Literatura Científica Nacional. *Travessias*, 11(1), 76–92. Recuperado de: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16602>.

Recebido em 06/12/2023

Aceito em 15/02/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.